

LAMENTAÇÕES

Introdução

Esboço

Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3 Capítulo 4 Capítulo 5

INTRODUÇÃO

Os cinco capítulos de Lamentações são cinco lindas e solenes elegias, ou lamentações, expressando a angústia do povo judeu à vista da total ruína de sua cidade, seu Templo e sua população, quando da conquista da Babilônia em 586 A. C.

Título. O título deste livro no hebraico é a primeira palavra dos capítulos 1, 2 e 4 – *'êkâ*, literalmente, *Oh, como!* ou *Ai de mim!* Na versão grega do Velho Testamento, a Septuaginta (LXX), o Livro das Lamentações está associado com a profecia de Jeremias, como em nossa Bíblia Portuguesa. Na Bíblia Hebraica foi colocado entre os livros que forma a terceira divisão das obras sagradas. Nosso Senhor falou deste arranjo triplo, chamando-o de "a lei, os profetas e os salmos" (Lc. 24:44).

O título grego para estes poemas na LXX é *threnoi*, o plural de *threnos*, "uma lamentação". Este título vem do verbo grego *threomai*, "chorar em voz alta, ou lamentar". O termo hebraico para lamentação é *qinâ*, e a métrica peculiar dos poemas deste livro chamava-se métrica *qinôt*. É o equivalente hebraico do termo "métrica elegíaca". Assim, no Talmude Babilônico o livro aparece com o título de *Qinôt* – "Lamentações". O título deste livro na Bíblia Latina é *Liber Threnorum*, "O Livro das Lamentações". Em português "trenódia" significa "canto plangente" ou "Lamentação".

Forma e Estilo Literários. O livro consiste de cinco lindos poemas, um em cada capítulo. Os quatro primeiros são lamentações, mas o quinto é mais uma oração. Os quatro primeiros são alfabéticos (acrósticos) no arranjo, cada um contendo vinte e duas estrofes (exceto o

capítulo 3, onde cada estrofe está dividida em três versículos), e cada estrofe começa com uma letra do alfabeto hebraico. O quinto capítulo também tem vinte e duas estrofes, mas falta-lhe o arranjo alfabético. (Compare Com o arranjo alfabético das seções do Sl. 119.) No capítulo primeiro de Lamentações os versículos seguem uma ordem estabelecida do alfabeto hebraico, mas nos capítulos 2 e 4 as posições das letras ayin e pe estão trocadas. Não encontramos nenhuma explicação satisfatória para esta transposição.

Nos capítulos 1 e 2 cada estrofe tem três partes, mas só a primeira começa com a letra apropriada do alfabeto. No capítulo 3 cada estrofe tem três membros, cada qual começando com a mesma letra do alfabeto. Uma vez que cada parte é numerada separadamente na Bíblia Portuguesa, temos sessenta e seis versículos para o terceiro capítulo. O capítulo 4 tem estrofes de duas partes cada, mas aqui novamente só a primeira parte começa com a devida letra hebraica. Nos quatro primeiros capítulos usou-se a métrica elegíaca, na qual o segundo dos dois elementos paralelos (versos na poesia portuguesa) é um pouquinho mais curto que o primeiro. Isto dá, geralmente, uma linha de quatro tônicas equilibrada com outra de três. No capítulo 5 foi usada a métrica hebraica norma, com quatro tônicas em cada linha, ou a metade do paralelismo.

Trenódias nessa "métrica claudicante" eram usadas, nos tempos bíblicos, pelas carpideiras nas lamentações fúnebres dos velórios. E por isso os hinos com essa cadência plangente e melancólica parecia ser o modo apropriado de chorar a destruição da amada Jerusalém, agora em um montão de ruínas. Talvez isto ajudasse a explicar por que esses hinos nacionais emanavam um patos tão requintado e foram construídos com arte tão intencional. A forma poética elegíaca hebréia adapta-se admiravelmente à expressão do infortúnio nacional. Nesses hinos patrióticos ouvimos os gemidos mortais da Sião abatida.

Quanto ao estilo, existe muito paralelismo nesses poemas, muita repetição, antíteses e apóstrofes e trocadilhos com palavras e frases.

Imagens mentais vivas palpitam através de toda a obra. O leitor, assim, é levado a ver o sofrimento e a sentir a dor da Sião despojada e chorosa.

Autoria. Embora o livro não mencione O nome do autor, II Crônicas 35:25 liga definitivamente Jeremias com a literatura das lamentações. Nosso Livro de Lamentações não compreende as lamentações de Jeremias sobre a morte do bom rei Josias, como alguns têm sugerido. Mas há pontos definidos de semelhança entre as Lamentações e as seções poéticas da profecia de Jeremias. E desde a antiguidade o livro tem sido atribuído a Jeremias. A LXX contém a seguinte observação como título do primeiro versículo do primeiro capítulo de Lamentações: "E aconteceu que, depois que Israel foi levada para o cativeiro e Jerusalém se encontrava devastada, Jeremias assentou-se chorando e lamentando esta lamentação por causa de Jerusalém, e disse . . . " Então segue-se o primeiro versículo do primeiro capítulo. Alguns mestres acham que o caráter hebraico desta sentença indica que estas palavras vêm de um original hebraico que se perdeu.

Deve-se notar que a mesma sensibilidade para com a tristeza nacional encontra-se tanto nas Lamentações como na profecia de Jeremias. Ambas as obras atribuem as calamidades nacionais às mesmas causas - pecado nacional e falsa confiança do povo em aliados fracos e traiçoeiros, além da culpa dos seus falsos profetas e sacerdotes relaxados. Imagens semelhantes se encontram em ambas as obras. A frase característica, "filha de", aparece cerca de vinte vezes em cada livro. A lamentação do profeta, seus temores que o levam a pedir a ajuda de Deus, o Justo Juiz e a sua expectativa de que finalmente os inimigos de Jerusalém serão castigados – tudo se evidencia de maneira destacadamente manifesta em ambos os livros. Essas similaridades de expressão defendem a identidade do autor. Embora um grupo de destacados mestres rejeitem a idéia de que Jeremias seja o autor destes poemas, muitos outros igualmente importantes estão fortemente a favor de Jeremias como autor.

A vivacidade da descrição argumenta a favor de uma autoria muito perto da queda de Jerusalém por alguém que viveu a terrível catástrofe e que escreveu enquanto o seu coração ainda estava dolorido e em cuja mente cada detalhe horripilante ainda se encontrava fresco. Este fato também aponta para Jeremias como o mais provável autor.

A ocasião em que tal livro foi escrito é com toda a certeza a destruição da cidade de Jerusalém em 586 A.C., e por isso a data da obra não poderia ter sido muitos meses depois.

Importância e Uso Religioso. O Livro das Lamentações representam o grito de morte de Jerusalém, apresentada como uma princesa viúva e desonrada. É interessante lembrar que em seguida à destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d. C. , no arco do triunfo construído em memória da conquista dos romanos, o general Tito representou Judá como uma mulher desgredada e chorando, assentada no chão, de luto. Lembramo-nos também que as filhas de Jerusalém quiseram cantar uma lamentação semelhante para Jesus quando de sua morte (Lc. 23:27-31). Certas porções das Lamentações têm sido interpretadas aplicando-se à paixão de Cristo. Na verdade, o uso destes cânticos nacionais indica que o povo judeu aceitava uma interpretação religiosa da destruição de sua cidade. Os judeus incluíram esta obra entre os Cinco Rolos a serem lidos em importantes dias comemorativos. O dia estabelecido para a leitura das Lamentações é o nono dia de Ab, que comemora a queima do Templo. Mas sempre o versículo 21 do capítulo 5 é repetido depois do versículo 22, de modo que a leitura possa terminar com uma nota mais positiva.

Entre os católicos romanos o tempo estabelecido para a leitura das Lamentações é o dos três últimos dias da Semana Santa. Os cristãos protestantes, lamentamos dizer, têm negligenciado muito a leitura destes poemas solenes. Mas, nestes dias de crises (e desastres) pessoais, nacionais e internacionais, a mensagem deste livro é um desafio ao arrependimento dos pecados pessoais, nacionais e internacionais e à entrega renovada de nossas vidas ao amor imutável de Deus. Embora

este amor esteja sempre presente e seja expansivo, o Deus justo e santo deve certamente julgar os pecadores não arrependidos.

ESBOÇO

"Os Infortúnios de Sião Prisioneira"

- I. A sofredora e arruinada cidade de Sião. 1:1-22.
 - A. A condição miserável de Jerusalém devastada. 1:1-11.
 - B. O lamento da "filha de Jerusalém". 1:12-22.
- II. O sofredor e arruinado lugar santo de Sião. 2:1-22.
 - A. Os juízos de Jeová sobre os baluartes e o seu santuário. 2:1-10.
 - B. A lamentação das testemunhas oculares deste juízo. 2:11-19.
 - C. Os terrores deste dia da ira de Jeová. 2:20-22.
- III. O sofredor representante da Sião ferida. 3:1-66.
 - A. As tristezas que proporcionou ao seu servo. 3:1-18.
 - B. A oração tranqüilizante do servo. 3:19-42.
 - C. A oração de vindicação do servo. 3:43-66.
- IV. O povo sofredor de Sião. 4:1-22.
 - A. Horrores do cerco e o destino da nobreza de Sião. 4:1-11.
 - B. As causas e o clímax da catástrofe de Sião. 4:12-20.
 - C. Uma apóstrofe à insolente e satisfeita Edom. 4:21, 22.
- V. Súplicas da Sião penitente. 5:1-22.
 - A. Sião roga a Jeová que considere sua aflição e desgraça. 5:1-18.
 - B. Uma apóstrofe final ao Soberano eterno. 5:19-22.

COMENTÁRIO

Lamentações 1

I. A Arruinada Cidade de Sião. 1:1-22.

A. A Condição Miserável de Jerusalém Devastada. 1:1-11.
Como jaz solitária a cidade. Veja introdução, parágrafo 2.

1, 2. Princesa entre as províncias. Não mais a primeira entre as províncias da terra, Judá tornou-se viúva dependente, desfilhada e traída por seus amigos e aliados, sozinha e desolada, chorando amargamente, sem ninguém para confortá-la (cons. o inverso em Ed. 4:20).

3. Judá foi levada a exílio. O exílio e a escravidão se tornaram piores por causa do ambiente pagão. A profecia de Isaías se realizou (Is. 39:5-7; 47:8, 9).

4-6. Da filha, de Sião já se passou todo o seu esplendor (v. 6). A descrição que o poeta faz é viva. Suas vias de acesso estão abandonadas, suas festas não têm convivas, seus portões (lugares de reunião) estão desertos, seus sacerdotes estão em angústia, suas virgens foram arrastadas para longe, e ela mesma sofre amargamente. O juízo divino pelos seus pecados concedeu aos seus inimigos o domínio para forçarem seus filhos ao exílio. Seus príncipes, como animais sem pasto, absolutamente não conseguem escapar ao perseguidor. (Os filhos de Zedequias foram capturados e mortos à vista do pai, cujos olhos foram depois arrancados; Jr. 39:4-7).

7. Lembra-se Jerusalém. A lembrança de dias melhores só aumenta as atuais tristezas de Sião, especialmente quando ela é zombada por aqueles que a observam deleitados. Sua queda, ou destruição, como na Versão Berkeley.

8-11. Jerusalém pecou gravemente. O pecado jantais produziu felicidade. Jerusalém, desprezada e profanada por aqueles que antes a honravam, volta as costas envergonhada de sua nudez, pois a corrupção e a negligência trouxeram trágicas conseqüências. Pagãos a despojaram dos utensílios do templo e pessoas moral e cerimonialmente impuras invadiram seu santuário em desafio às ordens de Jeová. Gemendo com fome, o povo vendeu coisas valiosas em troca de simples comida. (Observe as duas apóstrofes a Jeová nos vs. 9,11).

B. O Lamento da "Filha de Jerusalém". 1:12-22. O sofrimento nas mãos de Deus é severo mas merecido, o orador reconhece.

12. No dia do furor da sua ira. Muitos modernistas querem ignorar a severidade da natureza divina. Deixar de reconhecer que a verdadeira bondade não é indulgência.

13-16. Lá do alto . . . fogo a meus ossos. (v. 13). A filha de Judá fala dos seus sofrimentos suportados na mão do Senhor – febre nos membros, armadilha para os seus pés, frustração e fraqueza o dia todo. Deus teceu seus pecados em um jugo de escravidão. O vinho para a festa dos inimigos de Judá é o sangue dos sem homens de valor pisado na lagar da aflição. Por isso Judá chora, inconformada e desanimada, por causa dos seus filhos que perecem e sobre os quais seus inimigos prevaleceram.

17-19. Meus amigos . . . me enganaram (v. 19). As mãos de Sião estendidas em busca de ajuda não foram consideradas, pois a justa ordem de Jeová transformou em inimigos todos os seus amantes (cons. Lv. 15:19-27). Os vizinhos de Jacó, agora seus adversários, tratam Jerusalém como se fosse coisa imunda. Sião colhe a recompensa de sua rebeldia. Seus sacerdotes e anciãos, à procura de simples alimento, morreram de fome; e seus jovens e suas virgens foram feitos prisioneiros.

20-22. Olha, SENHOR, porque estou angustiada . . . não tenho quem me console. Sião roga por vingança. A espada está em suas ruas e o silêncio de morte está em todos os lares. Que seus exultantes inimigos experimentem o mesmo, ela ora. "Dê-lhes outros tantos gemidos e um coração exatamente tão sofredor quanto o meu".

Lamentações 2

II. O Arruinado Lugar Santo de Sião. 2:1-22.

A. Os Juízos de Jeová sobre os Baluartes e o Seu Santuário. 2:1-10.

1-5. Como cobriu o Senhor de nuvens . . . a filha de Sião! O Deus de Sião veio a ser o inimigo de Sigo. Jeová, na Sua ira, destruiu o Templo, o **estrado de seus pés** (I Cr. 28:2), a **glória de Israel**. As fronteiras de Jacó foram derrubadas, as fortalezas de Judá foram

arrasadas e o reino com os seus príncipes foram degradados. Deus se transformou em um fogo consumidor (Hb. 12:29; Dt. 4:24) para a terra, simplesmente retirando o Seu poder na presença dos seus inimigos. E como um arqueiro em busca de sua caça, matou todos os seus jovens, sua beleza e seus soldados. Sua fúria ardeu como um fogo no tabernáculo (tenda) de Sião. O divino Adversário devorou Judá, seus palácios e fortalezas, e multiplicou **o pranto e a lamentação** da filha de Judá.

6-10. Demoliu com violência o seu tabernáculo. Isto é, seu Templo e suas sagradas instituições. Tabernáculo, assembléia, sábado, rei e sacerdotes - todos foram desprezados e violentamente destruídos. O Senhor se desfez do seu próprio altar, desprezou seu santuário, entregando às mãos inimigas a arca da aliança, e permitindo que o grito da vitória ressoasse na Casa de Jeová como o som de uma orgia. Em sua determinação de destruir o muro de Sião, o prumo do seu juízo fez que ambos, os baluartes e os muros, vacilassem e caíssem. As portas de Sião estão abaladas, suas trancas quebradas, seus nobres exilados; sua Lei revogada e já não é mais ensinada, e os seus profetas não têm mais revelações. Por isso os anciãos de Judá, em sua tristeza, assentam-se no chão em silêncio, com pó sobre as suas cabeças e sacos de estopa sobre os lombos; enquanto suas virgens abaixam as cabeças envergonhadas.

B. Lamento das Testemunhas Oculares Deste Juízo. 2:11-19.

11, 12. Com lágrimas se consumiram os meus olhos. Uma descrição pitoresca do prolongado desespero emocional: olhos exauridos de lágrimas (Jr. 9:1; 14:17), sentimentos ultrajados, coração partido à vista das criancinhas desmaiando e meninos chorando por alimento e água, e – pior que tudo – crianças expirando junto ao seio de suas mães.

13, 14. A quem te compararei? A testemunha desses sofrimentos não consegue encontrar uma figura ou uma situação com a qual comparar a ruína de Sião. Está além da reparação. As visões falsas e agradáveis dos seus profetas (Jr. 14:14-16; 23:9-40) deixaram de mostrar

à nação o seu pecado, para que pudesse ser poupada do cativoiro. Temos aqui a causa moral de Sua infelicidade claramente exposta.

15, 16. Todos os que param . . . batem palmas. Os inimigos de São zombam de sua ruína. O bater das palmas, o menear da cabeça, o assobiar entre os dentes, acompanham as zombarias diante de Jerusalém. Os inimigos em sua vanglória, gritam, assobiam e rangem os dentes abençoando o dia da sua ruína. É uma zombaria incontida.

17-19. Fez o SENHOR o que intentou, isto é, o que ele predisse que fada. Que Sião gema em seu desespero. Ela se rebelou e ele deixou que seus inimigos triunfassem. Os versículos 18, 19 São uma apóstrofe aos muros da cidade: Chorem dia e noite com lágrimas perpetuas; levantem as mãos implorando a Jeová a Sua misericórdia para seus filhos moribundos.

C. Os Terrores Deste Dia da Ira de Jeová. 2:20-22. Temos aqui a quarta apóstrofe de Sião a Jeová.

20-22. Considera a quem fizeste assim. "Ó Senhor, tu percebes a quem mataste?" Crianças são vítimas de mãos canibais; sacerdotes jazem mortos no santuário; jovens e velhos jazem insepultos nas ruas; virgens e moços são vítimas da espada. Nesta matança impiedosa, da qual ninguém escapa, estes objetos da afeição de Sião são consagrados ao morticínio do inimigo. (Compare a descrição que Josefo faz da queda de Jerusalém em 70 d.C., *Jewish Wars*, Bk, vii).

Lamentações 3

III. O Sofredor Representante da Sião Ferida. 3:1-66.

Este capítulo é o ponto alto do livro. Aqui Jeremias desnuda o seu coração ao leitor, o que faz freqüentemente na sua profecia. Sua vida foi um longo martírio, no qual serviu de juiz e intercessor do povo empenhado em sua própria destruição. Nenhum profeta jamais argumentou com um povo de maneira mais apaixonada do que ele,

convocando uma conversão nacional. Estes fatos estão claramente evidentes nestes sessenta e seis versículos do capítulo 3.

A. As Tristezas que Deus Proporcionou ao Seu Servo. 3:1-18.

1-3. Eu sou o homem. Aqui o sofredor está identificado e o seu tema declarado. Ele fala como um israelita representativo, enfrentando os caminhos negros e desconcertantes da Providência. Ele descreve nos versículos 4-18 o ataque furioso e impiedoso de Jeová.

4-13. Despedaçou os meus ossos. Sob a tribulação dos constantes ataques de Jeová contra ele, o poeta só experimenta amargura e frustração. Ele sofre fisicamente; sua luz (Sl. 143:3) e sua liberdade se foram; suas orações são rejeitadas. Todo o tempo parece que Jeová o espreita numa armadilha - como um animal perseguindo sorrateiramente a sua presa e ao mesmo tempo Ele parece bloquear todas as vias de escape. Deus o impediu, mutilou e deixou. Como alvo do arco de Jeová, seus órgãos vitais estão cheios de flechas.

14-18. Fui feito objeto de escárnio para todo o meu povo. Como objeto de escárnio público, sua paz de espírito e confiança em Jeová se desvaneceram. Ele é o alvo das piadas do seu povo, e o tema de suas sátiras diárias. Sua condição abjeta é como a de alguém que está empanzinado de ervas amargas, bêbedo com absinto (cons. Jr. 23:15), seus dentes quebrados por pedrinhas e seu corpo coberto de cinzas. Sua bem-aventurança e prosperidade estão esquecidas e sua esperança no Eterno se foi.

B. A Oração Tranqüilizadora do Servo. 3:19-42.

19-21. Quero trazer à memória o que me pode dar esperança (v. 21). O profeta, meditando em suas amargas aflições, percebe como elas rebaixaram a sua alma. Ele sabe que Deus se lembra dos humildes e aflitos e por isso tem esperanças. Os versículos 22-39 falam da certeza do poeta na bondade de Jeová e na sua resignação para com os Seus caminhos soberanos.

22-24. Suas misericórdias não têm fim. A benignidade (*hesed* "amor imorredouro") de Jeová é infalível. Ele é diariamente renovado (como o maná de antigamente); por isso Seu povo não é consumido, e um remanescente permanece como semente para um novo começo. **Grande é a tua fidelidade** (v. 23). "Jeová é meu tesouro mais precioso", declara minha alma, "por isso confiarei nele" (v. 24).

25-27. Bom é aguardar a salvação do SENHOR, e isso em silêncio (v. 26). A espera paciente em Jeová torna a pessoa participante de Sua bondade. **O jugo de sua mocidade** (v. 27). A disciplina no começo da vida produz maturidade digna de confiança.

28-30. Fique em silêncio. Que a alma castigada se submeta silenciosa e humildemente, pois nisso há esperança. **A sua boca no pó** (v. 29). Uma confissão de indignidade.

31-33. Porque não aflige ... de bom grado (v. 33). No hebraico, *de coração*. Jeová não rejeitará para sempre, nem há algum espírito de vingança em Seu coração. Ele não se deleita em produzir dor e sofrimento.

34-36. Perverter o direito do homem (v. 35). O Altíssimo não é como uma divindade pagã, volúvel e imperfeita. Ele não aprova a opressão, a injustiça ou a subversão. (O favoritismo nas cortes era, então, como ainda hoje, coisa comuníssima.) Deus é o Governador Moral sobre tudo e todos.

37-39. Por que, pois, se queixa o homem vivente? (v. 39) Nada pode acontecer sem a permissão do Altíssimo. Então por que deveria um homem se queixar quando castigado pelos seus pecados? Não o sofrimento, mas o pecado devia ser lamentado. Não murmuremos contra Deus por causa do que nós mesmos provocamos.

40-42. Esquadrinhemos os nossos caminhos, provemo-los. Uma exortação ao exame do coração, ao arrependimento sincero. Que nossas mãos sejam levantadas em súplicas e arrependimento e que o nosso coração se torne submisso. **Nós . . . tu** (v. 42). Estas palavras fazem um

contraste. Nós, de nosso lado, pecamos e nos rebelamos; e tu, por causa disso, não nos perdoaste (cons. o hebraico e a Alemã de Lutero).

C. O Servo Ora por Vingança. 3:43-66. O poeta e o seu povo falam das calamidades sofridas por causa da ira de Jeová.

43-45. E nos perseguiste. Envolto em Uma nuvem de ira que nenhuma oração pode atravessar, Jeová perseguiu o povo de Judá, matando sem piedade, até que Sião se tornou nada mais que lixo entre os povos.

46-48. O temor e a cova (v. 47). Na presença dos seus inimigos que gritam, Sião está tomada de terror, como um animal perseguido que não vê por onde escapar da armadilha (cova, arapuca), enquanto torrentes de lágrimas fluem dos olhos do seu intercessor.

Os versículos 49-54 compreendem a lamentação do poeta sobre a inimizade de seu próprio povo contra ele.

49-51. Os meus olhos . . . não cessam. Suas lágrimas derramadas por causa do destino deles fluirão incessantemente até que Jeová no céu tome conhecimento de seu sofrimento .

52-54. Caçaram-me . . . , sem motivo . . . meus inimigos. Sem explicar seu ódio, eles o perseguiram como a uma ave e O lançaram em um poço, amontoando pedras Sobre ele até que a água cobriu a sua cabeça.

Nos versículos 55-66 temos a oração que levou Jeová a socorrê-lo. Segue-se um confiante pedido de vingança contra os inimigos do poeta.

55-57. Invoquei . . . disseste: Não temas. Sua oração desesperada trouxe a presença de Jeová e o seu confortador preceito – **Não temas.**

58-60. Viste, Senhor (v. 59). Agora ele confia em que Jeová, tendo examinado a sua causa, se transformará em seu Redentor, Advogado e Vingador.

61-63. Ouviste. Ele também tem certeza de que Jeová ouviu os insultos dos seus assaltantes, suas conspirações e murmurações diárias, sendo ele o tópicio de suas canções de escárnio.

64-66. Tu lhes darás a paga, isto é, vingança de acordo com os seus feitos – cegueira de coração, a maldição de Jeová, perseguição e extermínio de sob os céus.

Lamentações 4

IV. O povo Sofredor de Sião. 4:1-22.

Neste capítulo temos algo da narrativa da testemunha ocular tanto da culpa de Sião quanto do seu castigo. O inspirado poeta-profeta primeiro descreve seu destino como povo, e então dá a explicação moral desse destino.

A. Os Horrores do Cerco e o Triste Destino da Nobreza de Sião. 4:1-11. Os versículos 1-6 dão-nos a descrição do sofrimento dos descendentes da realeza.

1, 2. Os nobres filhos de Sião (v. 2). Valendo o seu peso em ouro, conto os preciosos tesouros de Sião, foram jogados fora como vasos quebrados e jazem esparsos pelas ruas.

3-5. Os que se criaram entre escarlata se apegam aos monturos (v. 5). Até os animais predatórios não tratam seus filhotes como Sião foi forçada a tratar seus filhos. Crianças de peito morrem de sede e criancinhas têm falta de pão, enquanto suas mães, como cruéis avestruzes do deserto, ignoram seus gatos. A dieta e as vestes reais deram lugar à fome e ao monte de lixo.

Nos versículos 7-11 o poeta contrasta a antiga beleza dos príncipes de Sião com o destino terrível que agora suportam.

7. Seus príncipes. Como eram inocentes, atraentes e saudáveis!

8-10. As vítimas da fome (v. 9). Agora toda a beleza se tornou em negrume. Observe o inverso da situação no versículo 7. A pele antes alva está enegrecida, seca e enrugada (uma figura dos corpos insepultos ao sol do deserto). Antes a espada aguda do que as dores da fome. Algumas mães comem seus próprios filhos durante a fome do cerco.

11. Sua indignação. A ira consumidora de Jeová incendiou-se como um fogo atingindo até os alicerces de Sião.

B. As Causas e o Clímax da Catástrofe de Sião. 4:12-20. Aqui o escritor luta com a explicação moral de tal infelicidade. Os versículos 12-16 destacam que aquilo que os pagãos julgavam ser impossível de acontecer com Sião – que ela pudesse ser invadida pelo inimigo – foi realizado em consequência dos pecados dos seus profetas, sacerdotes e anciãos. Judá destruiu-se por causa do pecado.

12. Não creram. Ninguém sobre a terra, nem mesmo os seus inimigos, jamais imaginaram que os portões de Sião seriam derrubados pelo inimigo.

13-15. Que se derramou . . . o sangue dos justos. Ai desses líderes culpados do derramamento de sangue justo e inocente, agora contaminados pelo sangue dos homens que antes evitavam. (Tocar em um cadáver era considerado como impureza cerimonial.)

16. Não honra os sacerdotes. Agora, como fugitivos e vagabundos, os sacerdotes ficaram sem honra e respeito. Se Jeová antes os considerava como Sua herança, agora não lhes dá nenhum valor.

17-20. Conforme o fim se aproxima, a esperança de ajuda estrangeira é malograda e as tentativas de fuga são frustradas. Até o rei é aprisionado, e assim toda a esperança de viver em uma terra estrangeira sob o seu governo desaparece.

C. Uma Apóstrofe Dirigida a Edom Arrogante e Jubilosa. 4:21-22. Edom era o "irmão" de Judá, descendente de Esaú e Ismael. Geralmente as ironias que mais magoam vêm dos parentes. Mas agora Jeová volta sua atenção para Edom e prediz a sua humilhação.

Lamentações 5

V. As Súplicas da Sião Penitente. 5:1-22.

Este capítulo é realmente uma oração nacional feita a Jeová, a única esperança e auxílio de Sião.

A. Sião Roga a Jeová que Considere a Sua Aflição e Desgraça.

5:1-18. O versículo 1 introduz o tema com a quinta apóstrofe de Sião a Jeová. O desesperado pedido de Sião merece a atenção de Jeová.

2-10. Este é um quadro do geral do povo com falta de víveres: perderam os lares e os seus queridos; têm de pagar preços inflacionários (câmbio negro) até mesmo pela água e lutam sem descanso; são forçados a implorar comida aos seus inimigos do leste e oeste; sofrem as conseqüências dos pecados dos pais; são escravizados pelos antigos servos; em busca de alimento ficam expostos aos assaltos dos beduínos; e o tempo todo a febre da fome os consome. Esses infortúnios são os costumeiros resultados da guerra.

11-13. Aqui estão os casos específicos de sofrimento individual, tais como estupro, insulto e trabalho além das forças.

14-18. O abatimento é geral. **O júbilo . . . converteu-se em lamentações** (v. 15). Os anciãos abandonaram todas as reuniões sociais e de negócios, enquanto os jovens deixaram de cantar e tocar. A alegria se transformou em lamentos. A única coroa é a da desgraça pelos pecados cometidos. **Caiu doente o nosso coração** (v. 17). A coragem e a visão desfalecem porque o lugar do santuário está desolado e tomado pelos animais selvagens.

B. Uma Apóstrofe Final ao Soberano Eterno. 5:19-22. Nesta estrofe o livro chega ao seu final. Observe aqui a sexta e a sétima apóstrofe a Jeová.

19. O teu trono. O trono de Jeová permanece irremovível.

20. Por que? Por que, então, Ele se esqueceria do Seu povo para sempre?

21. Converte-nos. . . e seremos convertidos. Restaura-nos e confirma-nos. Deus é a única fonte do verdadeiro reavivamento.

22. Por que nos rejeitadas totalmente? No hebraico é mais do que provável que saia uma interrogação final: Tu nos rejeitarás para sempre? Em outras palavras: "Certamente não podes nos abandonar e permanecer zangado conosco para sempre!" Deus não reprova sempre. Ou como outro orou: "Na ira, lembra-te da misericórdia" (Hb. 3:2).